

A AFETIVIDADE NA INTERAÇÃO DOS APRENDIZES NA SALA DE AULA DE LÍNGUA ESTRANGEIRA

OLIVEIRA, Fernanda Eline de¹; **DALACORTE**, Maria Cristina Faria²

Palavras-chave: Letras - Lingüística Aplicada – Língua Estrangeira

1. INTRODUÇÃO (justificativa e objetivos)

A literatura de lingüística aplicada com suas pesquisas e teorias é profundamente extensa e aprimorada no quesito ensino de língua e linguagem em escolas regulares para crianças e adolescentes, assim como no que diz respeito ao processo de aprendizagem para os mesmos. Considerando que a língua estrangeira (LE) também é matéria obrigatória em programas de supletivos e educação de adultos, pesquisas sobre a sala de aula neste contexto ainda são escassas. Esse fato impulsionou o interesse específico deste projeto em verificar como as aulas de língua estrangeira, no contexto de ensino regular para jovens e adultos, têm funcionado e como os aspectos afetivos e interacionais influenciam a aprendizagem dos mesmos.

Esta pesquisa teve como objetivo geral analisar como vêm se desenvolvendo na prática as aulas de língua estrangeira moderna nos cursos supletivos de ensino fundamental e médio, que atendem jovens e adultos, as práticas pedagógicas e os aspectos afetivos envolvidos no processo. Para levantar dados para análise dos aspectos afetivos / interacionais no ensino de língua estrangeira, este projeto se desenvolveu através de pesquisa de campo, em duas salas de aula de inglês para jovens e adultos (ensino médio supletivo), da rede conveniada de ensino da cidade de Goiânia, e através de estudo teórico referente ao assunto.

A teoria sócio-interacionista de Vygotsky (1987) fundamenta este estudo que visa averiguar os estímulos de natureza interna e externa que motivam o adulto para a aprendizagem, dentro do contexto social em que o aprendiz interage com o mediador do conhecimento e também outros aprendizes.

2. METODOLOGIA

A realização desta pesquisa ocorreu por meio de observação e análise de duas salas de aula de jovens e adultos, do ensino médio supletivo do turno noturno, durante as aulas de inglês. As visitas às salas de aula incluíram aplicação de questionários para levantar o perfil dos alunos (como estudantes de língua inglesa) e observações com anotações de campo. A análise dos dados serviu-se de estudo teórico referente ao assunto.

Foram observadas três semanas de aula (duas aulas de inglês por semana) na turma *A*, e duas semanas de aulas na turma *B*. As aulas observadas contaram com exposição do conteúdo pela professora e aplicação de exercícios por ela aos alunos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Através da observação de dez aulas de quarenta e cinco minutos, alguns aspectos relativos à interação no ambiente de aprendizagem foram levantados. As estratégias utilizadas pelas professoras de inglês das turmas envolvem principalmente a exposição da matéria no quadro, em linguagem simples e contendo explicação em português e apenas os exemplos eram dados na língua-alvo. Após a exposição, os alunos eram submetidos a atividades para aprimoramento do conteúdo. No decorrer dessas aulas, apenas atividades de habilidade escrita foram aplicadas sendo que, durante as aulas observadas, apenas uma atividade para ser feita em grupo foi aplicada em cada uma das turmas.

A interação entre os alunos durante as aulas ocorria de forma não induzida. A maioria das atividades propostas era para ser feita individualmente, mas nada impedia que na sua

realização, os alunos solicitassem a ajuda dos seus colegas. Como a disposição das carteiras não seguia ordem de fila, mas sim aleatória; alguns alunos sentavam-se próximos uns aos outros e discutiam entre si as questões e exercícios a serem resolvidos, em ambas as turmas.

Durante as aulas, era comum os alunos tirarem dúvidas em voz alta ou solicitando a professora na carteira, e elas sempre se dispunham a resolver as questões. Além da interação com colegas e professores, os alunos utilizavam-se do caderno como apoio para resolverem os exercícios. A apostila oferecida pela instituição de ensino nunca era utilizada para os estudos, mesmo que o conteúdo seguisse o que era trazido por ela.

A observação das aulas mostrou também que os alunos sempre alegavam estarem cansados ou “com preguiça”; diziam que não faziam a tarefa por falta de tempo; reclamavam que a professora escrevia muito no quadro e isso era cansativo para eles. Em diálogo entre o Aluno 1 (turma A) e a professora, este alega que tem apenas dez minutos por dia para estudar em casa e se esses fossem dedicados ao inglês, ele “estaria perdido”.

A atividade em grupo ocorrida em uma das aulas observadas na turma A foi baseada no conteúdo referente ao estudo das horas. A professora entregou para cada grupo de cinco alunos um relógio de cartolina, com ponteiros removíveis, feito por ela mesma. Enquanto um aluno do grupo colocava os ponteiros em determinada posição, os demais deveriam escrever em folhas separadas que horas eram (por exemplo: “*It's seven and ten p.m.*”).

A referida atividade aconteceu enquanto a professora circulava pela sala sanando as dúvidas surgidas. Os alunos motivaram-se para o processo de aprendizagem. A possibilidade de compartilhar com os colegas o conhecimento e a busca de soluções, além da ajuda do material (caderno), fez da aula um momento de efetiva aprendizagem.

Apenas em um dos quatro grupos, os alunos demonstraram insatisfação:

Aluno 1: “*Professora e suas aulinhas pra criancinha.*”

Aluno 2: “*Esse trem é fácil demais.*”

Aluno 3: “*Professora, nosso relógio estragou de tanto rodar.*”

Na turma B, a atividade em sala proposta para ser feita em grupo era referente ao tempo futuro com *will* e *going to*. A turma foi dividida em grupos de três e quatro alunos para a realização da tarefa. Com os exemplos de verbos colados no quadro, os alunos deveriam criar frases utilizando as estruturas de futuro apresentadas. Cada grupo recebeu uma folha de papel com uma frase de exemplo. Quando todos acabaram de preencher o papel com as frases, os grupos trocaram entre si as mesmas para que um pudesse ler as do outro em voz alta, explicando o que havia sido feito. A satisfação era alcançada como pode ser percebido diante das exclamações do tipo: “*podia cair só isso na prova*”, “*ia ser dez*”.

Para obter uma noção melhor sobre a percepção dos aprendizes acerca de suas aulas de inglês, o perfil deles foi levantado através de um questionário. Segue a média das respostas mais obtidas:

Profissão: secretária do lar; cantor e compositor; vendedor; dona de casa; auxiliar de acabamento; pedreiro; estudante; mecânico industrial; auxiliar de costura; auxiliar administrativa.

Idade: de 17 a 51 anos

Sexo: (56%) feminino (44%) masculino

1- Quanto tempo você passou longe da escola antes de vir para o SESI?

(64%) Mais de 5 cinco anos.

2- Para você, as aulas de inglês desta escola são:

(76%) Importantes.

3- Em quais destes aspectos você encontra mais dificuldade ao estudar inglês?

(39%) O jeito de falar/pronunciar desta língua.

4- Do que você sente falta nas suas aulas de inglês?

(59%) Atividades para treinar a conversação em inglês.

5- Por que você estuda inglês?

(45%) Porque vivemos em um mundo globalizado em que inglês é a língua mais falada.

6- O que mudou para você desde que começou a estudar inglês nesta escola?

(45%) Sente-se motivado(a) para as aulas, pois sabe da importância do inglês na sua vida.

7- Como você estuda inglês?

(52%) Apenas assiste às aulas, pois não tem tempo de estudar em casa.

8- O que você achou da aula em que a professora passou atividade em grupo?

(85%) Ótima, pois aprende mais quando discute com seus colegas.

9- Se desejar, deixe algum comentário, crítica ou sugestões sobre suas aulas de inglês: *

1- *“As aulas são ótimas. Gosto apesar da dificuldade.”*

2- *“Por que inglês e não espanhol? Somos latinos ou não somos? Somos é dependentes dos Estados Unidos.”*

3- *“As aulas são importantes. Significam uma aprendizagem a mais.”*

4- *“Gostaria de mais explicação e uso de objetos, para tornar as aulas mais interessantes. É preciso que a professora se atente mais aos que têm mais dificuldade.”*

5- *“A professora poderia escrever menos no quadro, porque meus dedos estão cansados.”*

6- *“O tempo da aula (45 min) é insuficiente para que eu aprenda.”*

7- *“Gostaria de poder chegar mais cedo, pois moro longe e as aulas de inglês são sempre no primeiro horário.”*

8- *“Acho as aulas interessantes, mas não gosto muito porque tenho dificuldade para interpretar e falar as palavras.”*

9- *“As aulas e a professora são ótimas, mas os colegas fazem muito barulho.”*

10- *“A professora passa a matéria com segurança e desperta interesse nos alunos.”*

*As respostas da questão 9 foram alteradas para este resumo para economia de espaço. Foram preservados os sentidos das idéias de cada aluno.

Os questionários respondidos pelos alunos demonstram que há interesse e esforço desses jovens e adultos em aprender a língua inglesa, porém, as condições a que são submetidos são insuficientes para o aprendizado significativo.

4. CONCLUSÃO

Enquanto o plano didático não for centrado no aprendiz, como ser social, o grau de motivação será baixo. É necessário despertar no aluno a curiosidade e a identificação com cada conteúdo. Para aprender uma língua, é preciso entrar em contato com a cultura de seu uso e também contextualizá-la. O aluno deve pensar a língua e o seu uso. Por que não trazer para a sala de aula situações reais de uso, mesmo que das estruturas e vocabulário básicos, como objetos e expressões do dia-a-dia em Inglês? Por que não induzir os alunos a trabalharem em conjunto e compartilharem dúvidas e conhecimento?

A experiência vivida em sala de aula no contexto analisado é primordial e de delicada importância, já que se trata de alunos com pouco ou nenhum tempo para estudar em casa. É nessa experiência, nessa interação com os colegas e professores que a aprendizagem acontece. A forma de aprender dos adultos difere da das crianças, já que seus interesses são mais específicos. As atividades devem, portanto, ser centradas nos interesses e necessidades das situações de vida dos alunos e não apenas em conteúdo de disciplina.

O papel do professor deve ser de mútua investigação com seus alunos e não de mero transmissor do conhecimento, segundo Goecks (2003). Williams e Burden (1997) afirmam que a criatividade deve continuar sendo encorajada em sala de aula com o avançar da idade. Assim, técnicas familiares de ensino de línguas como trabalhos em grupo, dramatização, histórias e músicas não deveriam ser esquecidas.

Procura-se, através do currículo, uma adequação entre o indivíduo e a sociedade, já que se pressupõe uma interdependência entre o individual e a qualidade do contexto social. Mas, se no caso da língua estrangeira, através do exemplo dado, percebemos não corresponder nem às necessidades individuais nem às perspectivas educacionais, espera-se uma posição dos estudiosos da lingüística aplicada no seu papel social.

Cursos de inglês surgem por toda parte, com cada vez mais frequência, mas a disciplina na escola não pode continuar aumentando descrédito dos próprios alunos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GOECKS, R. Educação de Adultos – Uma abordagem Andragógica. Disponível em: <http://www.andragogia.com.br>.

VYGOTSKY, L.S. Pensamento e Linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

WILLIAMS, M.; BURDEN, R. Psychology for language teachers: A social constructivist approach. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

FONTE DE FINANCIAMENTO – CNPq/PIBIC

¹ Bolsista de iniciação científica. Faculdade de Letras – Departamento de Estudos Lingüísticos e Literários, eline@letras.grad.ufg.br

² Orientador/Faculdade de Letras/UFG, mcfcd@letras.ufg.br